

Uma visita á Faculdade de Direito de São Paulo em 1860

(Nota para servir á história da Faculdade)

São de AFFONSO DE ESCRAGNOLLE TAUNAY, o grande historiador das Bandeiras, emérito conhecedor dos nossos arquivos, as linhas seguintes, publicadas no “Jornal do Comércio”, do Rio de Janeiro, de 24 de abril de 1938, que aqui transcrevemos como documentário para servir de futuro aos historiadores de nossa Faculdade de Direito.

Relata ele a viagem do Barão von Tschudi, feita pelo interior do Brasil em 1860, resumindo algumas das notas mais curiosas do viajante teutônico sobre São Paulo. O trecho que se vai ler reproduz as suas impressões a respeito da nossa Faculdade. Partira, de véspera, de Barueri, nome que ele estropeará para Bariri, em caminho de Itú para São Paulo.

Algumas observações são dignas de meditação. Salienda a ação de Julius Frank sobre o espírito juvenil, principalmente inspirando-lhe o respeito pela ciência alemã, então, como ainda hoje, posta em segundo lugar, em relação á ciência francesa, quanto á sua esfera de influência sobre professores e discipulos; sublinha a predominância dos livros de ciência francesa e a pobreza da Biblioteca de então, hoje felizmente modernizada e motivo de orgulho; lembra as contínuas ausências de professores, atraídos pela política, já como membros do Parlamento, já como ministro de Estado ou presidente de Províncias, — atração que profundamente danificou a nossa formação jurídica, distraindo do magistério algumas das inteligências mais fecundas e esterilizando-as no areal da política partidária.

Segundo informa TAUNAY, o barão João Tiago von Tschudi, ministro da República Helvética no Brasil, descendia de ilustre família, a que pertencera, também, Gil Tschudi que, no século XVI, foi cognominado o “Pai da História Suíça”, cuja obra se notabilizou pela relevância da documentação. Em 1880 foi nomeado, pelo seu governo, ministro plenipotenciário no Brasil, sobretudo para estudar os problemas da imigração suíça no Império. Por essa época visitou o sul do país. De retorno à Europa foi, em 1886, nomeado embaixador em Viena, e publicou, então, os cinco volumes da sua viagem à América do Sul, obra interessante para nós na parte referente ao Brasil. Foi, sem dúvida, das figuras mais eminentes entre os naturalistas do século XIX.

Do artigo de AFFONSO DE ESCRAGNOLLE TAUNAY, sob o título “Von Tschudi na Província de São Paulo”, destacamos o trecho sobre a Faculdade:

“Na manhã seguinte, com uma marcha a cavalo de cinco horas entrava, após uma ausência de quatro semanas, em São Paulo. Pouco antes de alcançar a cidade, o caminho passava ao lado, de grande e novo cemitério católico (da Consolação). A ele anexo estava, desde 1855, o modesto cemitério protestante. No dia seguinte ao da sua chegada, uma deputação de estudantes veio convidá-lo amistosamente para visitar, em sua companhia, a sua Alma Mater, frisando que o convite não era dirigido ao embaixador, mas ao cientista.

“São Paulo possui, como Pernambuco, explica von Tschudi aos seus leitores, uma Faculdade de Direito onde, além de história, geografia, filosofia, latim, francês, inglês, aritmética, retórica e poesia, é a jurisprudência ensinada num curso de cinco anos. A Faculdade funciona no antigo e vistoso, mas muito pouco cuidado edifício do antigo Convento franciscano local”

Seus cicerones levaram-no primeiramente a visitar pequeno pátio quadrangular, no cruzeiro do convento, onde viu um monumento sepulcral em forma de obelisco

“Por baixo da lápide descansa um alemão de família nobre, professor de história da Universidade, sob o criptônimo de Julius Frank, de Gotha. Faleceu aos 32 anos, em 1841”.

“Como fosse protestante, os clérigos opuzeram-se ao enterro do seu cadaver no cemitério católico, e como, naquelle tempo, ainda não houvesse cemitério protestante em São Paulo, os estudantes sepultaram o seu muito venerado e querido professor neste lugar, erigindo-lhe o monumento que os honra, a eles e a ele. Na sala de aulas onde Frank ensinava, está o seu retrato, toscamente pintado.

Frank, cujo compêndio ainda hoje se usa nas aulas de história exerceu, pelas tendências do espírito, poderosa influência sobre os estudantes de São Paulo. Está, atualmente, passados vinte anos, vivo ainda muito entre a juventude acadêmica.

Conseguiu fazer valer a ciência alemã na Faculdade de Direito de São Paulo, ao passo que ainda é mais ou menos desconhecida nas três outras universidades do Império”.

As salas dos cursos achou-as Tschudi incômodas e escuras, como aliás todo o interior do extenso edifício. Só o grande salão da biblioteca era claro e agradável. Ali se demorou mais para realizar rápido exame dos livros.

Compreendia a biblioteca cerca de 8 a 9.000 volumes, na maior parte antigas obras jurídicas, históricas, filológicas e enciclopédicas, entre elas algumas de valor. Ali não achou nenhum livro alemão, o que era para surpreender a quem quer que fosse.

A literatura moderna estava representada, principalmente, por autores franceses, mas estes também eram muito poucos. Pareceu ao visitante que a dotação da biblioteca era escassa demais para poder crescer por meio de aquisições vultosas.

Dos onze professores catedráticos do curso jurídico e dos seis substitutos, raras vezes mais de dois terços estavam presentes em São Paulo, os restantes exerciam cargos oficiais alhures.

Um dos professores era então presidente do Pará, um segundo presidia Sergipe, um terceiro a Minas Gerais, Padre Vicente Pires da Mota, e um quarto vivia, já desde muitos anos, no Rio de Janeiro, exercendo diferentes cargos importantes, entre outros o de ministro do Império, Luiz Pedreira do Couto Ferraz, Visconde do Bom Retiro. Era facil avaliar-se quanto a Faculdade soffria e muito vendo-se privada, justamente, dos seus melhores professores.

Ha aí enganos de Tschudi: Carrão, lente da Faculdade, foi presidente do Pará de 1857 a 1858 e não o era mais em 1860; o dr. João Dabney de Avellar Brotero exercera a presidência de Sergipe de 1857 a 1859 e faleceu a 1.º de setembro de 1859, antes da chegada do diplomata a São Paulo.

Entre os estudantes cujo número era superior a quinhentos observava-se ativa vida científica. Gostavam eles de realizar ensaios no campo da publicidade das boas letras e da política.

Quanto a esta última, verdade é que cêdo demais, porque para a maioria destes jovens políticos seria muito melhor dedicar-se ás pandectas do que aos debates partidários. Fundaram-se várias sociedades científicas das quais algumas editavam notaveis revistas, como por exemplo o “Ensáio filosófico paulistano”, a “Revista mensal”, o “Ensáio acadêmico”, os “Anais”, a “Imprensa acadêmica”, etc. Diferentes periódicos haviam suspendido a publicação após curta existência, devido á indiferença do público e por falta de dinheiro.

Já desde alguns anos certa gente fazia viva propaganda no sentido de se transferir a Faculdade de Direito de São Paulo para o Rio de Janeiro. Não achava Tschudi tal projeto bom. Além de que a tal centralização não justificasse motivo razoavel algum, a cidade de São Paulo com isto muito soffreria, pois seus recursos ainda eram muito limitados em vista da sua indústria pouco importante e comércio insignificante. O magnífico clima temperado da capital da província era, em todo o caso muito mais favoravel á juventude estudiosa do que o clima quente e enervante do

Rio de Janeiro. Em São Paulo, as relações entre os estudantes podiam tornar-se mais íntimas do que na capital do Império, lugar de inúmeros divertimentos. Também tinha importância para os estudantes, pelo menos para os de poucos haveres, o fato de que a vida em São Paulo era muito mais barata do que no Rio de Janeiro.

Estudantes que, durante alguns anos, haviam frequentado a Faculdade de Direito de Pernambuco transferindo-se depois á de São Paulo, disseram ao diplomata que em Pernambuco havia maior número de professores e também, em termo médio, de estudantes. Mas em São Paulo, sempre segundo a sua opinião, o estudante diligente podia tirar muito maior proveito do ensino por causa do clima mais favoravel e da maior concentração de espirito.

Contaram-lhe também que, em São Paulo, a vida intellectual era mais livre e de tendências científicas muito mais liberaes do que em Pernambuco onde o romanismo exercia ainda a sua influencia integral da Faculdade de Direito.

O arco do portal da igreja de São Francisco e o do edificio da Faculdade eram lavrados em lindo mármore italiano, coisa infelizmente difficil de se perceber por causa da camada de óleo de côr amarela suja de que os haviam recoberto”